

BRUNO FRANCO DE PAULA

11221ECO009

Aplicação do Modelo Estrutura-Condução-Desempenho na indústria
processadora de soja brasileira no período de 2007 a 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2018

BRUNO FRANCO DE PAULA

11221ECO009

Aplicação do Modelo Estrutura-Conduta-Desempenho na indústria
processadora de soja brasileira no período de 2007 a 2017

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Ana Paula Macedo de Avellar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BRUNO FRANCO DE PAULA

11221EC0009

Aplicação do Modelo Estrutura-Condução-Desempenho na indústria
processadora de soja brasileira no período de 2007 a 2017

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, dezembro de 2018

Profª. Dra. Ana Paula Macedo de Avellar

Prof. Dr. Aderbal Oliveira Damasceno

Prof. Dr. Clésio Marcelino de Jesus

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo aplicar o Modelo Estrutura, Conduta e Desempenho na indústria processadora de soja brasileira entre os anos de 2007 e 2017. Para tanto, se utiliza de um referencial teórico que aborda e estabelece as bases do modelo, fornecendo um apoio ao estudo do caso analisado. Para discutir sobre a estrutura da referida indústria, assim como sua conduta, é realizada revisão bibliográfica de estudos pretéritos do setor, assim como relatórios empresariais e setoriais. Como base de determinação do desempenho da indústria utiliza-se dados fornecidos pela ABIOVE (Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais) a respeito da capacidade de processamento da indústria; e analisa-se também o comportamento do mercado externo, e sua necessidade de ganhar espaço com derivados da soja, produtos de maior valor agregado. Dentre os resultados encontrados verifica-se que o setor apresenta uma trajetória ascendente da sua capacidade de processamento apesar de apresentar alto grau de capacidade ociosa. A partir de 2010, o estado do Mato Grosso se tornou o estado líder em capacidade instalada de processamento de soja, seguido por Paraná e pelo Rio Grande do Sul. As três regiões se destacam por serem grandes regiões produtoras da oleaginosa, além de que Paraná e Rio Grande do Sul possuem dois dos principais portos responsáveis pela exportação dos subprodutos da soja, porto de Paranaguá-PR e porto de Rio Grande-RS.

Palavras chave: Soja, Indústria processadora de soja, Modelo Estrutura-Conduta-Desempenho.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – O Modelo Estrutura-Conduto-Desempenho.....	13
Figura II – Fluxograma da soja.....	17
Figura III – Processo de extração do óleo de soja.....	28

LISTA DE GRÁFICOS

GráficoI – Compra e Processamento de grãos.....	18
GráficoII – Capacidade de Processamento da indústria.....	29
GráficoIII – Exportações em tonelada.....	32
GráficoIV – Exportações em Doláres.....	32
GráficoV – Importações em tonelada.....	33
GráficoVI – Importações em Doláres.....	33
GráficoVII– Saldo Comercial em tonelada.....	34
GráficoVIII– Saldo Comercial em Dólares.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Plantas Ativas das Empresas	22
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Lucro líquido maiores empresas.....	21
Tabela II– Capacidade instalada de processamento dos estados.....	30
Tabela III – Capacidade instalada de processamento por regiões.....	31

Sumário

Introdução.....	10
1. Apresentação do Modelo estrutura, conduta e desempenho (ECD).....	11
2. A indústria processadora de soja brasileira.....	16
3. Estrutura do mercado processador de soja do Brasil.....	18
4. Conduta das empresas atuantes no mercado	21
5. Desempenho das empresas atuantes no mercado	27
5.1 Indicadores de desempenho do mercado processador de soja do Brasil	29
Considerações finais.....	36
Referências	38

Introdução

O presente trabalho se propõe a estudar a indústria processadora de soja brasileira por meio da aplicação do modelo de Estrutura, Conduta e Desempenho.. A análise abarca o período de 2007 a 2017, e se utiliza de estudos setoriais sobre o setor, além de uma base de dados fornecidos pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), e pelo sistema de consultas e extrações de dados estatísticos do comércio exterior brasileiro, o Comex Stat.

A soja é hoje uma das principais *commodities* brasileiras, destacando-se no cenário nacional como sendo uma das principais oleaginosas com liquidez no mercado. Sua origem de cultivo remonta o continente asiático, sendo explorada nas américas primeiramente pelos Estados Unidos, já no século XX, comercializada num primeiro momento como forrageira ou adubo verde, e, posteriormente, como grão (DALL'AGNOLL, 2017). No Brasil, ela chegou na Bahia, e depois se melhor estabeleceu no sul do país, por conta do clima.

No sistema agroalimentar, a produção de óleos vegetais se caracteriza como um dos mais importantes setores, dado o amplo leque de utilização de seus produtos como matérias-primas no processamento de alimentos para consumo humano e animal. A produção de óleos comestíveis utiliza diversas fontes de matérias-primas, como o amendoim, o caroço de algodão, girassol, canola, dentre outros. No entanto, a soja ocupa uma posição de destaque uma vez que é utilizada para a produção de farelo e extração de óleo, com uma ampla diversidade de uso, que vai desde a indústria farmacêutica até a alimentícia.

Hoje no Brasil, a produção e o processamento de soja ocupam um lugar de destaque tanto na agricultura e no abastecimento doméstico, quanto na pauta exportadora. Nesse contexto, esse trabalho se propõe estudar a indústria processadora de soja sob a perspectiva do arcabouço teórico do modelo de Estrutura, Conduta e Desempenho.

Num segundo momento, se discutirá brevemente o histórico e a contextualização da indústria de soja brasileira, para depois elucidar os elementos constituintes da estrutura do setor. Assim, serão apresentadas características da indústria, assim como o estabelecimento das estruturas de custo, barreiras à entrada e tipo de concorrência.

Na sequência, será analisada a conduta das empresas na indústria, identificando como elas definem suas estratégias e suas estruturas de produto e propaganda. Para tanto, serão analisadas individualmente as características das principais empresas do mercado.

Na secção seguinte serão apresentadas as variáveis que caracterizam o desempenho das empresas durante a última década (2007-2017), utilizando-se como base a variável de capacidade de processamento da indústria. Conforme a evolução da capacidade de processamento, analisada sobre diferentes aspectos, pode-se ver os caminhos que trilham o desenvolvimento da indústria, tanto em relação ao aspecto regional, quanto ao aspecto temporal. Também será considerado o comportamento das exportações da soja em grão, o farelo e o óleo; e a partir disso se discutirá sobre a relação da indústria nacional com o mercado global.

Por fim, sintetizaremos o trabalho em algumas considerações finais, apontando de forma objetiva e breve as características estruturais da indústria; as estratégias que regem as ações das mesmas no contexto do mercado brasileiro; e o resultado do cenário atual em que se encontram as empresas brasileiras de processamento de soja.

1. Apresentação do Modelo estrutura, conduta e desempenho (ECD)

O Modelo ECD nasce como uma resposta à insatisfação de muitos estudiosos da economia em relação aos modelos neoclássicos de equilíbrio parcial e geral relacionados à competição nos mercados. Os esforços do modelo dizem respeito a se promover uma maior proximidade da teoria com a realidade, com a utilização de uma metodologia que não reúne apenas teoria, mas principalmente os fatos observados, se atentando para as realidades históricas e institucionais. O mercado, nesse contexto, acaba agregando novos significados relacionados ao fato de que as firmas apresentam diferentes tamanhos, e produzem produtos com características diferenciadoras. Por outro lado, o modelo reconhece o comportamento empresarial de cada firma associando-a com as estruturas que imperam nas mesmas atividades (CASONATO, 2015).

O modelo, em suma, nasce da constatação de dois problemas, segundo Casonato (op. cit.). O primeiro diz respeito à não ocorrência de um mercado de concorrência perfeita. E a segunda é referente a inexistência de uma taxa de lucro igual

entre os setores da economia, que seria decorrência da mobilidade perfeita de capitais. Com isso, o modelo estabelece dois objetos de estudo, que são: análise da concentração de mercado e das barreiras à mobilidade dos fatores de produção.

Sobre as motivações dos formuladores desse paradigma alternativo, pode-se afirmar que existem dois aspectos principais que justificam seus esforços. O primeiro é que esses estudos exercem uma influência contínua na formulação e efetivação de políticas públicas em diferentes áreas, como regulação ou desregulação de serviços, estímulo à inovação através de patentes, estímulo à competição por políticas antitruste, financiamentos e subsídios, e escolhas entre empresas públicas e privadas. E a segunda razão diz respeito à contribuição para o processo de construção do paradigma (KUPFER; HASENCLEVER, 2013).

Segundo Lopez e Cardim (2009), no caso brasileiro, as recomendações do paradigma seriam buscar como plano de desenvolvimento econômico, políticas de expansão da capacidade produtiva, e busca por uma superação dos gargalos decorrentes da nossa industrialização retardatária característica dos países periféricos. Com esse intuito, esforços devem se voltar para a administração de riscos oriundos do setor externo e políticas industriais.

Como ideia central, o modelo ECD, busca identificar as variáveis ou o conjunto de atributos que são capazes de explicar as variações no desempenho observadas a partir do monitoramento das empresas. A conduta das firmas é lapidada, principalmente, com base no tipo de estrutura da indústria. E essa, estrutura, por sua vez, é reflexa de certas condições diversas, de natureza técnica, institucional, ou de relevância da demanda. Dessa forma, caracterizam-se pressupostos que guiam os estudos de caso.

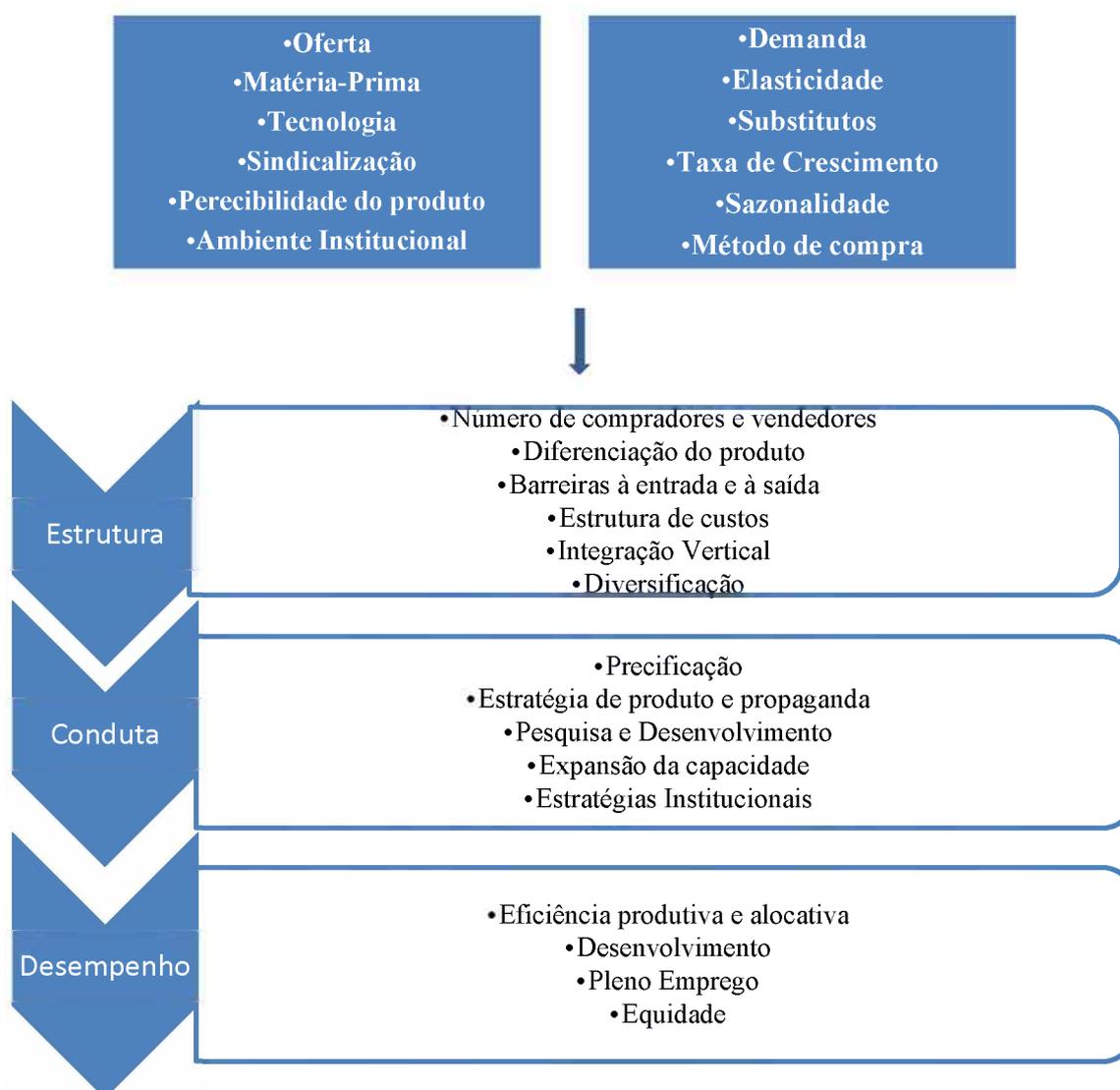
Como dito anteriormente, o desempenho depende da conduta dos agentes, em questões de diferentes matizes, como política de preços, inovação tecnológica, dentre outros. A conduta, por sua vez é modelada através da estrutura de mercado; nesse quesito o número de agentes, grau de diferenciação dos produtos, barreiras à entrada, curvas de custo, grau de integração vertical das empresas, dentre outros aspectos, são relevantes para caracterizar a conduta. Por fim, a estrutura, depende de condições básicas, tanto do lado da oferta como da demanda. No caso das condições de oferta, temos fatores representantes da estrutura representados pela localização e acesso à matéria prima, o grau de sindicalização da força de trabalho, a durabilidade do produto, relação entre valor e preço do produto, alta ou baixa elasticidade de substituição dos

produtos, e natureza das tecnologias relevantes. Pelo lado da demanda, temos os fatores de existência de produtos substitutos, elasticidade-preço da demanda, taxa de crescimento e flutuação da demanda ao longo do tempo, e métodos de compra à vista ou a crédito. (KUPFER; HASENCLEVER, 2013).

Com isso, o modelo ECD se constitui em um modelo analítico adequado para se operacionalizar o conceito de competitividade empresarial uma vez que incorpora os principais elementos do ambiente interno que determinam a estrutura do mercado, a conduta (estratégia competitivas) e o desempenho (resultados em termos de lucratividade e faturamento) (BAIN, 1956).

Assim, com a utilização desse modelo, pretende-se compreender, através de características da estrutura do mercado, conclusões sobre o desempenho, se utilizando de uma determinada variável, que no caso desse trabalho será a capacidade de processamento da indústria. Mas, como apontado por Scherer e Ross (1990), após o enquadramento de uma empresa em uma determinada estrutura de mercado é preciso analisar a sua conduta no mercado, e só depois se é possível fazer inferências sobre o seu desempenho. Assim, determina-se o intuito desse estudo, como sendo descobrir como a indústria direciona sua produção, buscando harmonizá-la com a demanda da sociedade por bens e serviços, e verificar como as variações e imperfeições desse mecanismo de organização influenciam no sucesso de atendimento da sociedade. A Figura 1 situa esquematicamente o paradigma ECD.

Figura I -Modelo Estrutura-Conduto-Desempenho



Fonte: Scherer & Ross (1990). Elaboração Própria

Como pode-se verificar na Figura I, o esquema nos apresenta uma das formas básicas do modelo organizacional para uma empresa utilizar no seu dia a dia. Se no mercado verifica-se um desempenho não eficiente provocado por falha organizacional da indústria por meio do mercado natural, cabe ao governo intervir, dirigindo as variáveis da estrutura e/ou conduta de maneira a corrigir as adversidades.

Nesse contexto, o governo pode se utilizar de diferentes mecanismos, um deles é o estabelecimento de tarifas de comércio, quotas de importação e políticas de atração de investimentos externos diretos, o que acaba influenciando a estrutura de mercado. Outra intervenção significativa seria ações que buscam a melhora do provimento de informações entre os agentes (tanto consumidores, quanto produtores), reduzindo as

assimetrias de informação. Também são relevantes as regulações dos mercados no sentido de possibilitar condições prévias de operação e circulação de bens e serviços; e as políticas antitruste, incentivando a concorrência. Em certos casos o governo também pode optar por prover, com a produção estatal, bens e serviços, regulando custos, preços e níveis de qualidade estimulando uma concorrência entre rivais privados, elevando o desempenho geral da indústria (KUPFER E HASENCLEVER, 2013).

Sobre as limitações do modelo, pode-se dizer que se apresentam como resultado de seu não rompimento inicial com a teoria neoclássica tradicional, pretendendo apenas, contrastar as determinações da economia mainstream com as evidências empíricas de funcionamento dos mercados. Nesse contexto, vemos que as questões produtivas passaram a ser analisadas a partir de uma ótica mais hipotética dedutiva, cada vez mais racionalizada.

Outra crítica ao modelo E-C-D diz respeito ao fato de ignorar as influências que a conduta da firma pode ter no processo de concorrência, em uma tentativa de solucionar tal lacuna passou-se a aceitar causalidades menos rígidas, expressas em relações interativas entre variáveis de estrutura, conduta e desempenho, no entanto, essa análise permite um espectro muito amplo de causalidades, eliminando a possibilidade de qualquer generalização, limitando-se a inúmeros estudos de caso (KUPFER, 1992).

Como apontado por Kupfer e Hasenclever (2013), as contribuições do modelo ECD, se relacionam com uma suposta determinação endógena das condições básicas da demanda e da oferta, o que permite que a análise possa englobar tanto o contexto estático quanto o contexto dinâmico de concorrência da análise da economia industrial. Contudo, no momento inicial a endogeneidade resultou em críticas, uma vez que, pelo fato de que cada firma determinarem seu nível de produção e preços com bases em suas curvas e expectativas internas, o preço de equilíbrio e o valor da oferta total se torna determinado por fatores endógenos, excluindo a possibilidade de causalidades exógenas pré-definidas. As críticas nesse sentido contribuíram para a formulação de alternativas para o modelo E-C-D, principalmente com análises que partiam da teoria dos jogos, abandonando as premissas adotadas no modelo E-C-D, na forma mais rudimentar os resultados originaram os modelos de Bertrand, Cournot e Nash, ligados a teorias do oligopólio (KUPFER, 1992).

2. A indústria processadora de soja brasileira

A produção de soja nacional tem suas origens ainda nas primeiras décadas do século XX, nos estados da região Sul e em São Paulo, devido às condições climáticas favoráveis, e à proximidade com os portos de embarque. Caracterizada por uma atividade de pequenas empresas, a indústria de oleaginosas tinha a região de São Paulo voltada para o processamento de sementes de algodão, amendoim, mamona, dentre outras; enquanto que nos estados sulistas a matéria prima dominante era a soja (WARKEN, 1999). Nos principais segmentos verificados no complexo de soja, tem-se a comercialização do grão, farelo e óleo, atendendo a distintos mercados. O principal destino do óleo de soja, por exemplo, é o próprio mercado interno; enquanto que o farelo tem seu comércio voltado para o exterior. O que não é exportado acaba sendo utilizado para produção de margarinas, maioneses e gordura vegetal.

A partir da década de 1970 inicia a expansão da soja no Brasil, guiada pela ampliação da indústria de óleo e pelo aumento da demanda internacional pelo grão, a indústria atinge ainda na mesma década o patamar de principal cultura do agronegócio brasileiro (MAGALHÃES, 1998).

Com os investimentos e desenvolvimento de novas pesquisas foi possível adaptar a cultura a condições climáticas do Centro-Oeste, o que vai permitir a transferência da industrialização para a região mais ao interior do país, como aponta Oliveira (1995). Outro importante advento para o setor acontece em 1995, quando o Governo Federal aprova a Lei de Biossegurança, o que passa a permitir o cultivo de plantas de soja transgênicas em caráter experimental, e, mais tarde, em 2005, acontece a regulamentação definitiva dessa prática (SEDIYAMA, 2011).

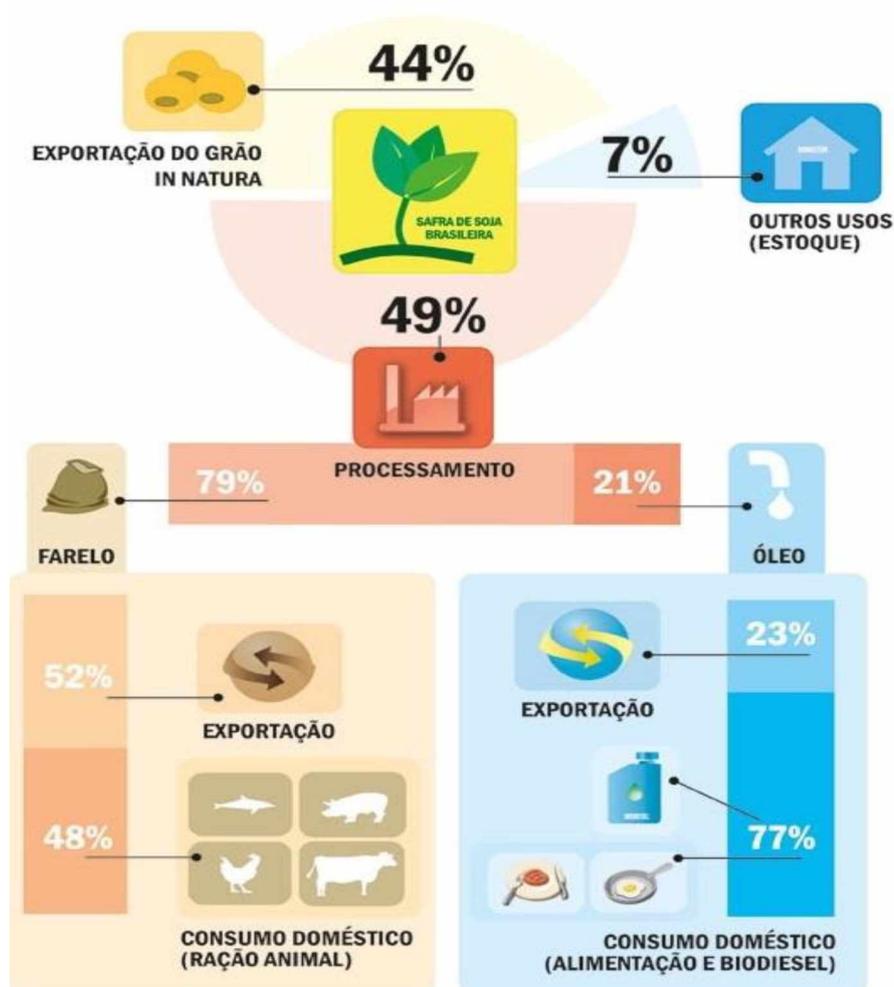
Uma das principais estratégias adotadas por grandes firmas multinacionais nos últimos anos, tem sido a aquisição de empresas nacionais, buscando consolidar sua atuação no mercado nacional, com destaque para a região Centro-Oeste (MEDEIROS; FRAGA, 2002)

A consolidação da sojicultura no Brasil foi essencial para o desenvolvimento de toda uma cadeia produtiva que conta com investimentos privados e públicos, e permite uma maior visibilidade da atividade pecuária, uma vez que serve de matéria prima para ração animal.

Uma cadeia agroalimentar, como aponta Sedyama (2011), tem o consumidor final como o grande responsável pela lucratividade de toda a cadeia, que passa pela produção primária, a agroindústria, o atacado e o varejo até chegar no consumidor.

Pode-se verificar na Figura II o fluxograma que vai desde a soja, passando pelo processamento, até chegar no mercado consumidor. Nessa figura observa-se que a participação das diferentes atividades e destinos contemplados pela indústria da soja. A maior parte do processamento é destinado à obtenção do farelo de soja, produto que visa em significativa medida o mercado externo; enquanto que a produção do óleo de soja tem em sua grande maioria o propósito de abastecer o mercado interno.

Figura II - Fluxograma da Soja



Fonte: Aprosoja (2018)

Assim, com base nesse breve histórico do setor, nas próximas seções será realizada a aplicação do modelo ECD na indústria processadora de soja brasileira.

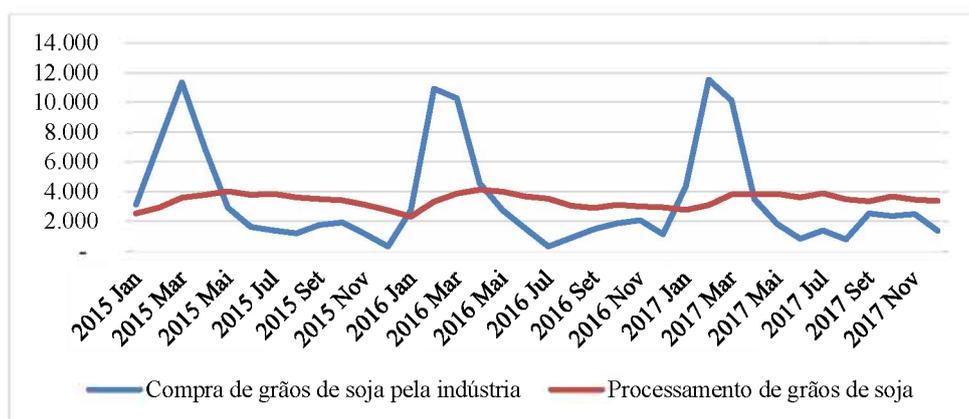
3. Estrutura do mercado processador de soja do Brasil

O Brasil detém, em comparação com seus competidores internacionais, o maior potencial de expansão da área cultivada, podendo mais que duplicar a sua produção atual, dependendo das condições mercadológicas para tanto (DALLA'GNOL, 2004). Atualmente o país comporta 139 unidades industriais, onde 118 estão equipadas para a atividade de processamento, mas apenas 96 das mesmas está ativa.

Segundo Lazzarini e Nunes (2000), na delimitação do sistema agroindustrial (SAG), observa-se distintos segmentos. O primeiro diz respeito a indústria de insumos agrícolas, que fornece fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas; no caso da soja ainda existe a indústria de sementes. O segundo é referente à produção agrícola, que é composto por médias e grandes em propriedades agrícolas. O terceiro é o segmento dos “originadores”, que são responsáveis pela aquisição, armazenagem e distribuição da matéria-prima; são formados por corretores, armazenadores, cooperativas e *tradings*. O quarto, e último, é referente à indústria esmagadora, refinadoras e produtores de derivados de óleo.

Sobre o último segmento é importante destacar os diferentes mercados que os seus produtos visam. Isso porque, o principal destino da produção de óleo de soja é o mercado interno, enquanto que o farelo é mais voltado para a exportação. O farelo que não é voltado para a exportação acaba sendo utilizado na produção de margarinas, maioneses e gordura vegetal. A indústria esmagadora se caracteriza por buscar sempre questões como economias de escala, liderança em custos, redução da capacidade instalada, assim como o aumento da produtividade. A indústria se comporta assim porque a diferenciação do produto é limitada por conta dos mesmos (grão, farelo e óleo bruto) serem homogêneos (SEDIYAMA, 2011). A questão da localização das fábricas esmagadoras se converte em um dos aspectos importantes a qual as empresas dão atenção. Isso, porque a proximidade com as regiões produtoras de soja é um fator determinante para minimizar custos de logística e para aumentar as economias de escala, e, dessa forma, reduzindo a capacidade ociosa. Sobre a importância do terceiro segmento de “originadores”, é possível observar no gráfico I.

Gráfico I: Compra e Processamento de grãos (1000 t.): 2015-2017



Fonte: ABIOVE, elaboração própria.

No gráfico I verifica-se que a atividade de processamento não acompanha a compra dos grãos na evolução mensal. Isso acontece por conta de especificidades oriundas do cultivo do grão de soja, que, para um bom desenvolvimento em determinadas regiões, é necessário, dentre outras coisas, condições climáticas, como a precipitação, temperatura e fotoperíodo favoráveis (GIANLUPPI, 2009). A água, como apontado por um estudo da Embrapa (2011), constitui aproximadamente 90% do peso da planta, e atua em todos os processos fisiológicos e bioquímicos, sendo essencial na fase da germinação e da floração. Isso determina que, durante o desenvolvimento da cultura, a necessidade de água vai aumentando, atingindo o máximo durante a fase da floração e enchimento dos grãos (7 a 8 mm/dia), e decrescendo depois desse período (EMBRAPA SOJA, 2011; FARIAS; NNEMUCENO; NEUMAIER, 2007). Nesse contexto vemos que o cultivo da planta acontece orientado por essas questões, o que faz com que o plantio se dê nos meses de setembro e outubro, para as regiões Sul e Centro-Oeste, respectivamente (JACTO, 2018). Isso ocasiona que a colheita se dê nos meses de janeiro e maio, explicando os picos de compra nesse período apresentados no gráfico.

O Gráfico I ainda nos mostra, que no restante dos períodos, fora da fase de colheita, a compra de grãos fica abaixo da atividade de processamento, nesse contexto fica evidenciado a importância do segmento dos originadores, na função de armazenar e distribuir a matéria prima.

No tocante às barreiras à entrada, é importante esclarecer o referido conceito de Bain (1956), onde elas se caracterizam como as condições de entrada no mercado; sendo uma vantagem que os vendedores já estabelecidos numa indústria têm em relação

aos potenciais entrantes, refletindo a capacidade que os veteranos têm em relação ao poder de aumentar seus preços acima do nível competitivo, sem que atraíam novas firmas para dentro do mercado. As barreiras à entrada podem ter natureza tecnológica (economias de escala ou de escopo em relação ao tamanho do mercado), ou diferenciação, por conta da reputação das empresas já estabelecidas, e das marcas comerciais (FARINA, 2000).

Assim, vê-se que as próprias economias de escala buscadas pelas empresas esmagadoras, no que diz respeito às plantas industriais com alta capacidade de produção, se qualificam como barreiras à entrada, uma vez que força as entrantes a mirarem grandes plantas para concorrer no mercado. No entanto, Magalhães (1998) aponta que a tecnologia das indústrias de esmagamento não é caracterizada como barreira à entrada, uma vez que o setor apresenta tecnologias de fácil acesso a todas as empresas, sem nenhuma restrição tida por exclusividades de patentes.

Em se tratando de economias de escala, a principal atividade onde as empresas esmagadoras buscam aplicar esse conceito é a soja em grãos, uma vez que os custos médios de esmagamento tendem a cair quando se aumenta o tamanho da planta industrial. Ou seja, os esforços das indústrias, em se tratando da busca por economias de escala, se dão através da busca de preços menores por determinadas quantidades de soja, ganhando conseqüentemente na margem de lucro.

Uma questão importante a ser apontada é o fato de que as novas plantas de esmagamento e refino de óleo de soja na região Centro-Oeste, apresentam uma capacidade média de processamento maior do que a das plantas da região Sul do país (MAGALHÃES, 1998). Isso possibilita que as plantas do Centro-Oeste apresentem custos de produção menores em relação às do Sul, uma vez que consigam explorar as economias de escala.

Sobre a estrutura de mercado, podemos identificar um comportamento de concentração, como apontado por Sousa (2005). E também buscam processos de integração vertical, incorporando diferentes atividades da cadeia produtiva, trazendo o processo produtivo ainda mais para seu interior e minimizando os custos de se trabalhar com fornecedores.

Em síntese, o acesso privilegiado à *commodities*, investimentos em logística e plantas com grandes portes são fatores determinantes para que as indústrias explorem as economias de escala. As vantagens de custo se caracterizam numa posição de destaque

para que as empresas de farelo e óleo de soja se mantenham em posições de destaque nos mercados internacionais.

4. Conduta das empresas atuantes no mercado

Nos últimos anos, as principais empresas esmagadoras de soja vêm buscando cada vez mais um melhor posicionamento no país, através de investimentos em novas unidades processadoras e expansão da sua cadeia de negócios. Dentre as quatro maiores empresas, encontramos a Bunge (12 plantas instaladas), Cargill (8 plantas), ADM (5 plantas) e a Louis Dreyfus (5 plantas). A Tabela I a seguir mostra os lucros líquidos dessas empresas nos anos de 2016 e 2017.

Tabela I – Lucro Líquidos Maiores empresas (US\$ BI)

Empresa/Ano	2016	2017	Crescimento (%)
Cargill	3.004	3.200	6,13%
ADM	2.060	1.595	-29,15%
Bunge	745	160	-365,63%
Louis Dreyfus	305	317	3,79%

Fonte: Bunge (2017); Cargill (2017); ADM (2017); Isto é (2018). Elaboração própria.

De acordo com a tabela I acima é possível perceber que em termos de faturamento a Cargill se destaca, apresentando crescimento nos últimos anos, se consolidando como a maior empresa em termos de faturamento atuante no Brasil. As demais empresas apresentaram resultados negativos para o ano passado em relação a 2016, com ênfase na Bunge que teve resultados bem abaixo do esperado, os resultados negativos na taxa de lucro de maneira geral podem ser explicados pela queda nas

margens de lucros de sementes oleaginosas. O quadro I a seguir apresenta a localização de cada planta das quatro maiores empresas atuantes no Brasil.

Quadro I – Plantas Ativas das Quatro Maiores Empresas Atuantes no Brasil

Empresa	Cidade	Estado	Região
ADM	Ipameri	GO	Centro-Oeste
	Uberlândia	MG	Sudeste
	Campo Grande	MS	Centro-Oeste
	Rondonópolis	MT	Centro-Oeste
	Joaçaba	SC	SUL
Bunge	Luís Eduardo Magalhães	BA	Nordeste
	Luziânia	GO	Centro-Oeste
	Dourados	MS	Centro-Oeste
	Rondonópolis	MT	Centro-Oeste
	Nova Mutum	MT	Centro-Oeste
	Uruçuí	PI	Nordeste
	Ponta Grossa	PR	Sul
	Rio Grande	RS	Sul
	São Paulo (Jaguaré)	SP	Sudeste
	Suape	PE	Nordeste
	Gaspar	SC	Sul
Cargill	Barreiras	BA	Nordeste
	Rio Verde	GO	Centro-Oeste
	Uberlândia	MG	Sudeste
	Três Lagoas	MS	Centro-Oeste
	Primavera do Leste	MT	Centro-Oeste
	Ponta Grossa	PR	Sul

Louis Dreyfus Commodities	Jataí	GO	Centro-Oeste
	Alto Araguaia	MT	Centro-Oeste
	Ponta Grossa	PR	Sul

A partir do Quadro I acima é possível afirmar que grande parte das plantas ativas, se localiza na região Centro-Oeste, justamente por ser a região que mais concentra produção de soja no país. Além do mais, o número de plantas de cada empresa não determina necessariamente o tamanho da sua capacidade instalada total, pois o tamanho da planta tende a variar bastante, nesse caso, empresas com número menor de plantas podem apresentar capacidades de processamento superiores a empresas que possuem um número maior de plantas. A seguir serão apresentados o histórico de cada empresas e suas especificidades.

A Bunge é uma multinacional holandesa fundada em 1818, com o intuito de comercializar produtos importados das colônias e grãos. Em 1876, a empresa rumo a América do Sul, e se estabelece na Argentina; apenas em 1905 a empresa chega ao Brasil, se associando com a Sociedade Anônima Moinho Santista, com sede no porto de Santos. Em 1923 a Bunge adquire a empresa Cavalcanti & Cia, e assim adentra no segmento de oleaginosas. Ao longo dos anos a empresa vai diversificando seus produtos, lançando óleo de soja, margarinas, produtos de pré-mistura, farinhas, dentre outras; e também se empenha em adquirir concorrentes, como a Ceval Alimentos, e até empresas de outros segmentos, como a usina de cana-de-açúcar Santa Juliana (MG), o que acaba consolidando ainda mais seu poderio de mercado. Em 1999, a empresa muda sua sede para Nova Iorque, e em 2001 ela abre seu capital na bolsa de valores. Através de acordos firmados com a Vale S.A., em 2010, a empresa consolida uma importante parceria para a venda de ativos referentes a produção de matéria prima de fertilizantes, e ainda consolida sua atuação no segmento de açúcar e bioenergia com a compra de cinco usinas do Grupo Moema; nesse mesmo ano ela integra suas operações no país em quatro áreas de negócios, formando a Bunge Brasil: Fertilizantes; Agronegócio & Logística, Alimentos & Ingredientes; e Açúcar & Bioenergia. Em 2014 a empresa inaugura o Terminal Portuário Fronteira Norte, localizado em Barcarena, no Pará. Atualmente, a empresa Bunge está presente em 35 países, empregando mais de 35.000 funcionários ao redor do mundo, no Brasil, entre todos os segmentos, a Bunge conta com 100 instalações, entre fábricas, usinas, moinhos, portos, centros de distribuição,

silos e instalações portuárias. Quanto às estratégias de inovação, a empresa apresenta um departamento de P&D voltado para o desenvolvimento de práticas alternativas que podem tornar as atividades da indústria mais sustentáveis por um lado, e rentáveis por outro; alavancando a possibilidade de novos negócios e aumentando seu portfólio na indústria de alimentos e de não alimentos. Seus esforços de marketing se baseiam em se aproximar do consumidor interno através de um vínculo de confiança criado através da tradição de suas marcas no mercado brasileiro (BUNGE, 2017)

A Cargill é uma empresa originária dos Estados Unidos, fundada em 1865, como um armazém de grãos na cidade de Conover, no estado de Iowa. A primeira empresa implantada na América do Sul é fundada na Argentina, em 1947, e assim a Cargill lança seu negócio de sementes híbridas. Em 1965 o grupo chega ao Brasil, com sede em São Paulo, a empresa possui hoje unidades industriais, armazéns, escritórios e terminais portuários em 130 municípios. Na década de 80, a empresa aumenta seu portfólio de produtos significativamente, além de grãos, rações, sementes, óleos e milho, os negócios passam a abranger produtos químicos, cacau, café, algodão, ovos, fertilizantes, serviços financeiros, farinha, sucos, malte, carne, melaço, amendoim, petróleo, porcos, aves, borracha, sal, aço, perus e lã. A empresa ao todo atua em 70 países, e emprega mais de 155.000 funcionários. Na agricultura, a empresa processa e distribui grãos e outras commodities para fabricantes de produtos alimentícios para consumo humano e animal; também fornecendo serviços para produtores agrícolas e pecuaristas. No que tange aos esforços em P&D, a empresa se vê comprometida em buscar renovação de seus ingredientes e soluções para aumentar seu desempenho da forma almejada para cada produto, tornando seus bens comercializáveis mais atrativos por conta de seus altos padrões de qualidade, os diferenciando dos demais (CARGILL, 2017).

A Archer Daniels Midland Company (ADM) é uma empresa multinacional fundada em Minneapolis, em 1902, iniciando suas atividades no Brasil em 1997, após a compra de esmagadoras, elevadores de grão e silos. A empresa é especializada em processamento de grãos (soja, milho, trigo e cacau) e produção de biocombustíveis à base de soja e milho, e ainda produz ingredientes para alimentos e para a nutrição animal, possuindo valor agregado. É atualmente uma das líderes na produção de óleo de soja, etanol, adoçantes e farinha de milho. Ela possui cinco fábricas de processamento em diferentes estados, e aproximadamente setenta silos localizados nas regiões produtoras de soja. Seus gastos em P&D são direcionados para o aumento da

produtividade das operações fabris, e para o melhor aproveitamento do uso dos insumos (ADM, 2017).

A Louis Dreyfus é uma multinacional criada em 1851. Ela atua nos segmentos de açúcar, algodão, arroz, café, *global markets*¹, frete, grãos, laticínios, oleaginosas e sucos; e está presente em 100 países, empregando mais de 19.000 funcionários. A empresa opera no Brasil desde 1942, e atualmente conta com cinco plantas industriais processadoras ativas, sendo que três delas também desempenham função de refino e envase. Os esforços em P&D da empresa se direcionam no sentido de tornar as práticas industriais cada vez mais sustentáveis, primando por aumentar a capacidade de resiliência das demandas naturais da produção. A preocupação social e ecológica da empresa acaba se constituindo na sua principal estratégia para tornar seu nome mais relevante no cenário do mercado brasileiro da indústria processadora (LOIS DREYFUS, 2017).

O mercado cada vez mais competitivo da indústria da soja, faz com que as empresas do setor busquem diferentes formas de crescimento para manterem sua relevância no mercado. Algumas das mais típicas estratégias de crescimento se caracterizam como ações que buscam alterar a estrutura dos mercados, permitindo ocupar uma posição melhor na concorrência junto a rivais; normalmente se caracterizam como fusões e aquisições, integração vertical e diversificação. Mas também existem estratégias ligadas a busca por uma posição mais favorável das empresas na disputa pelos consumidores, como segmentação de mercado e diferenciação.

Sobre os focos estratégicos ligados à indústria esmagadora, é importante dizer, que os mesmos são referentes à liderança de custos, buscando a redução da capacidade ociosa, sendo forte em economias de escala, logística e inovação dos processos. Já na questão dos derivados, o foco acontece na diferenciação de produtos, como segmentação de mercado, promoção e inovação de propaganda.

Visando ganhos de competitividade, o setor processador de soja se esforça em readequar suas estratégias. Sobre as principais mudanças que impactam esses sistemas, nós podemos citar o deslocamento da produção agrícola rumo aos cerrados (especialmente o Centro-Oeste brasileiro); o desenvolvimento de novos corredores de exportação; as ineficiências estruturais da indústria processadora; e as consequências

¹ Plataforma que oferece suporte em gestão de risco cambial às plataformas de *commodities*.

oriundas do processo de concentração (fusão e aquisição) e a adoção de novas tecnologias (SEDIYAMA, 2011).

Como dito anteriormente, a maioria das empresas esmagadoras de soja no Brasil, tem forte orientação para liderança em custos, explorando o sistema logístico para obter maior eficiência produtiva. Para atingir a liderança em custos existem certos fatores importantes para as empresas processadoras; como o aumento da escala de produção, a diminuição da capacidade ociosa que proporcione redução de custos médios e aumento da eficiência logística. Outro fator importante diz respeito a melhorar a gestão financeira, seja reduzindo riscos frente à volatilidade dos preços, seja lidando adequadamente com os recursos, juros e créditos.

Uma questão de importante discussão é referente ao processo de concentração, que se verifica em multinacionais importantes, além de concentrarem as atividades de processamento e comercialização de grãos, tiveram esforços no sentido de criar subsidiárias na industrialização de fertilizantes. Assim, a relação com os agricultores passa a ser, além da de cliente/fornecedor, a de fornecedor/cliente.

O fenômeno da concentração industrial responde a uma situação onde verifica-se desigualdades empresariais, e, através disso, ocorrem falências de empresas, culminando na compra de seus restos por certo grupo restrito de firmas, que adquire maior margem de certeza nas suas ações, minimizando riscos, e ditando suas próprias formas de produção e distribuição. (SOUSA, 2005).

O processo de fusão é concretizado quando duas ou mais empresas, normalmente com portes semelhantes, por meio de permuta de ações, combinam-se em uma só firma. Com a fusão acontecem vantagens dos benefícios de sinergia, possibilitando uma maior eficiência do que a atuação das duas firmas separadamente (KON, 1999)

De acordo com Certo (2005), as fusões e aquisições podem se caracterizar como três tipos principais, e são eles: horizontal, vertical e de diversificação. No caso da horizontal, uma empresa se agrega a outra que desempenha a mesma atividade. Na vertical, uma empresa se une a outra que, por sua vez, pode ser uma fornecedora, ou uma compradora de sua cadeia de produção. Já no caso da diversificação, ela pode ser concêntrica, no sentido de que a empresa comprada tem produção, tecnologia, produtos, canais de distribuição e mercados similares aos da empresa compradora; e ela pode ser não relacionada, ou conglomerada, quando a empresa adquirida possui uma linha de negócios completamente diferente.

Em se tratando de economias de escala, a principal atividade onde as empresas esmagadoras buscam aplicar esse conceito é a soja em grãos, uma vez que os custos médios de esmagamento tendem a cair quando se aumenta o tamanho da planta industrial. Ou seja, os esforços das indústrias, em se tratando da busca por economias de escala, se dão através da busca de preços menores por determinadas quantidades de soja, ganhando conseqüentemente na margem de lucro.

Uma questão importante a ser apontada é o fato de que as novas plantas de esmagamento e refino de óleo de soja na região Centro-Oeste, apresentam uma capacidade média de processamento maior do que a das plantas da região Sul do país (MAGALHÃES, 1998). Isso possibilita que as plantas do Centro-Oeste apresentem custos de produção menores em relação às do Sul, uma vez que consigam explorar as economias de escala.

Em síntese, o acesso privilegiado à *commodities*, investimentos em logística e plantas com grandes portes são fatores determinantes para que as indústrias explorem as economias de escala. As vantagens de custo se caracterizam numa posição de destaque para que as empresas de farelo e óleo de soja se mantenham em posições de destaque nos mercados internacionais, e a atenção dada a busca por inovações se coloca como um fator de destaque das grandes empresas, uma vez que os laboratórios de P&D são responsáveis em grande medida pelas estratégias de diferenciação dos produtos.

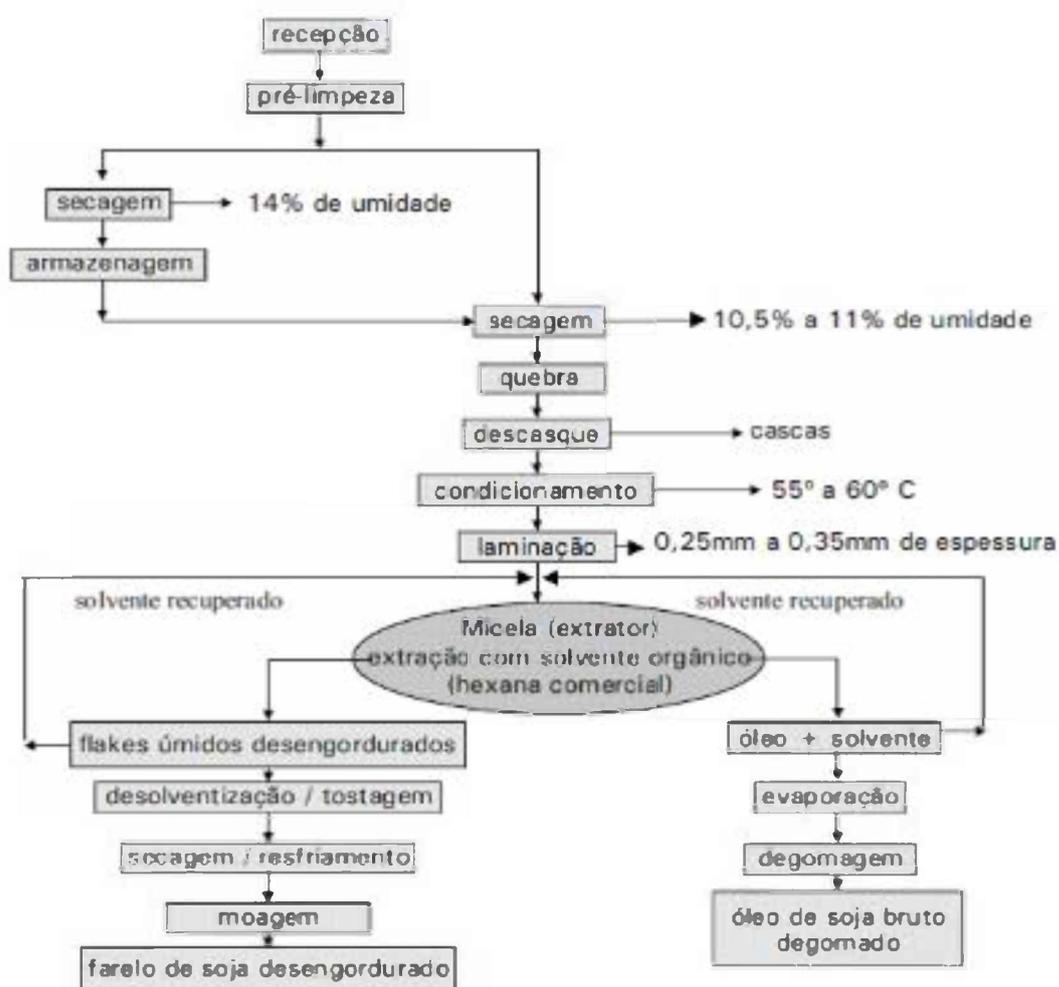
5. Desempenho das empresas atuantes no mercado

As indústrias de processamento são assim denominadas por responderem pela transformação da matéria-prima. Algumas vezes são definidas como “esmagadoras”, para se relacionar, como apontado por Canto (1986), às primeiras técnicas usadas para a extração de subprodutos. Ainda segundo o autor, o cálculo da produtividade física da soja demonstra que cada 100kg de grão corresponde a 19,6kg de óleo bruto.

No entanto, com a modernização dos processos produtivos, as técnicas de processamento da indústria têm se modificado ao longo do tempo. Não só com o intuito de aumentar o aproveitamento da atividade produtiva, mas também por conta das demandas exigidas pelos padrões de qualidade, o método de processamento vem evoluindo desde sempre. Os padrões da ANVISA obrigam o tratamento com a utilização de produtos químicos no controle da acidez da soja, o que pode influenciar no

maior ou menor custo da industrialização desse produto. Com isso, vê-se a descrição do processo de extração de óleo de soja na Figura III.

Figura III- Processo de Extração do Óleo de Soja



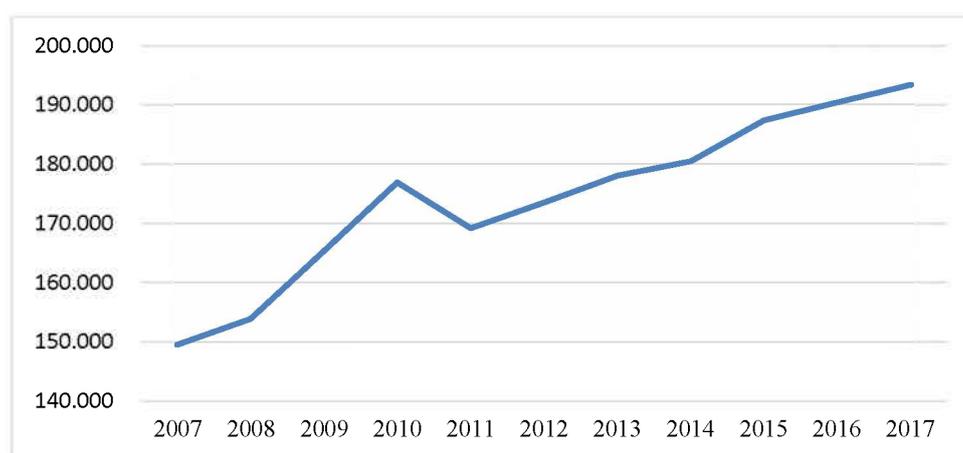
Fonte: Mandarino; Roessing (2001)

Ao chegar à indústria, o grão é submetido a uma limpeza, tendo inicialmente o seu teor de umidade entre 12-14%; sendo que, na passagem para o processamento, esse teor é diminuído para 11%, ocorrendo o descasque do grão. Assim, o processo de produção de óleo varia de acordo com o tipo de solvente utilizado, a obtenção de óleo bruto, que será refinado, para o uso comercial (MANDARINO e ROESSING, 2001).

5.1 Indicadores de desempenho do mercado processador de soja do Brasil

Como um indicador do desempenho da indústria processadora de soja no país, utiliza-se a capacidade de processamento da indústria, como evidencia o Gráfico II.

Gráfico II - Capacidade de Processamento da Indústria (ton./dia) no período 2007-2017



Fonte: ABIOVE, elaboração própria.

Como se pode ver a tendência de capacidade de processamento da indústria obedece a uma trajetória ascendente. No entanto, a indústria opera com alta capacidade ociosa, com estudos apontando uma capacidade de processamento de 20.090 toneladas por dia referentes, apenas, às 22 unidades industriais paradas, em 2016 (ABIOVE, 2017).

Em 2010, a indústria da soja ampliou sua capacidade de processamento, em comparação com 2009, o indicador cresceu 7%, o que obedecia a uma tendência de crescimento desde 2008. No entanto, em 2010, a ociosidade também apresentou um resultado positivo, se colocando como 26% do parque industrial, contra 30% do ano anterior. Isso se deveu a um aumento de safra no período, com a indústria realizando um esmagamento recorde até então. Já o aumento da capacidade instalada, corresponde em grande parte a expansão das unidades industriais já existentes, além da inauguração de mais uma série de plantas no Sul, Centro-Oeste, e em menor medida, no Sudeste (ABIOVE, 2011).

Outra questão importante é que em 2010, o Mato Grosso assumiu o posto de estado líder em capacidade instalada de processamento de oleaginosas, seguido pelo

Paraná e, em terceiro, pelo Rio Grande do Sul, essas posições são observadas até o presente momento.

Nos anos posteriores a 2010, excetuando a conjuntura excepcional de 2011, pode-se ver que a tendência de crescimento obedece a um ritmo quase constante até que em 2015 o ritmo desacelera, voltando ao patamar no ano seguinte. Isso se dá por conta do que Caetano (2015), encara como “margens de esmagamento pressionadas”, onde importantes praças produtoras ficaram com margens brutas médias acumuladas em 2015 menores que no ano anterior, uma vez que o grão registrou uma valorização imprevista que não foi acompanhada pelo óleo e o farelo. Ou seja, a alta do dólar influenciou a soja em grão, mas não o farelo e o óleo. Em 2016 o setor volta a bater números recordes de esmagamentos impactados, principalmente pelo aumento do consumo do doméstico, das vendas externas de farelo, e da demanda interna por biodiesel (MENDES, 2016).

Sobre a questão da capacidade ociosa pode-se observar os dados da Tabela II das capacidades instaladas, ativas ou não ativas, dos estados brasileiros nos anos 2015 e 2016.

Tabela II – Capacidade instalada de processamento dos estados 2015-2016

Estado	UF	2016				2015			
		Ativa		Parada		Ativa		Parada	
		ton/dia	%	ton/dia	%	ton/dia	%	ton/dia	%
Mato Grosso	MT	35.909	21,1%	5.350	26,6%	37.610	22,1%	3.600	21,3%
Paraná	PR	35.089	20,6%	750	3,7%	34.995	20,5%	750	4,4%
Rio Grande do Sul	RS	26.270	15,4%	3.920	19,5%	26.370	15,5%	2.820	16,7%
Goiás	GO	25.411	14,9%	1.800	9,0%	24.185	14,2%	2.600	15,4%
São Paulo	SP	10.673	6,3%	4.100	20,4%	10.673	6,3%	4.100	24,2%
Mato Grosso do Sul	MS	7.740	4,5%	4.050	20,2%	7.540	4,4%	3.050	18,0%
Minas Gerais	MG	9.128	5,4%	0	0,0%	9.100	5,3%	0	0,0%
Bahia	BA	6.920	4,1%	0	0,0%	6.691	3,9%	0	0,0%
Santa Catarina	SC	3.200	1,9%	0	0,0%	3.200	1,9%	0	0,0%
Tocantins	TO	2.900	1,7%	120	0,6%	3.020	1,8%	0	0,0%
Piauí	PI	2.800	1,6%	0	0,0%	2.800	1,6%	0	0,0%
Amazonas	AM	2.000	1,2%	0	0,0%	2.000	1,2%	0	0,0%
Maranhão	MA	1.500	0,9%	0	0,0%	1.500	0,9%	0	0,0%
Pernambuco	PE	400	0,2%	0	0,0%	400	0,2%	0	0,0%
Rondônia	RO	300	0,2%	0	0,0%	300	0,2%	0	0,0%
Ceará	CE	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Brasil		170.240	100,0%	20.090	100,0%	170.384	100,0%	16.920	100,0%

Fonte: ABIOVE, elaboração própria.

Os dados mostram que o Mato Grosso, como já dito anteriormente, lidera o ranking dos estados com capacidade instalada, seguido por Paraná, e Rio Grande do Sul; mas pode-se notar que ele também é o estado com mais plantas inativas, que

representam uma capacidade de processamento maior do que o total ativo de estados como Santa Catarina, Tocantins, Piauí, dentre outros.

Outra evidência importante é que, tanto o estado do Mato Grosso, quanto o do Rio Grande do Sul, em menor grau, apresentam uma queda na capacidade instalada ativa, e um aumento da capacidade não ativa. De fato, esse fenômeno é bem mais visível no tocante ao estado líder, com uma queda de cerca de 1700 toneladas por dia de capacidade. Por outro lado, verificam-se melhoras significativas em alguns estados, como o Paraná, e, em maior nível, no Goiás.

A Tabela III mostra a capacidade de processamento por região em toneladas por dia. Pode-se ver o processo de concentração da região Centro-Oeste, assim também como a perda de participação da região Sul, ao longo dos anos. Nota-se que a consolidação da região Centro-Oeste como portadora da maior capacidade instalada se dá no ano de 2013, onde sua participação no total do país já supera a da região Sul; e no ano seguinte essa distância entre as duas regiões aumenta para 6%.

Tabela III – Capacidade instalada de processamento por regiões 2007-

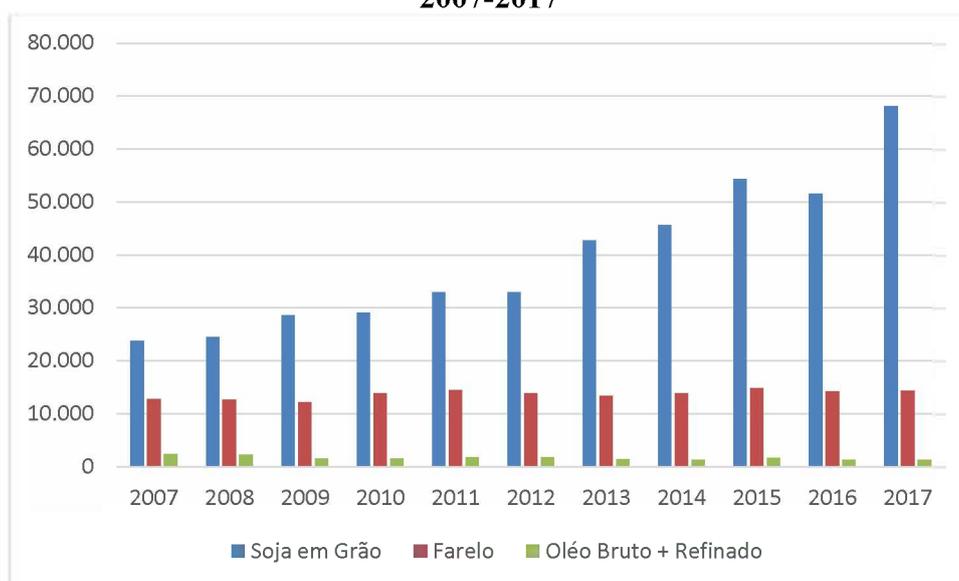
Região	Centro-Oeste	Sul	Sudeste	Nordeste	Norte	Brasil	
2007	ton/dia	51.210	62.684	23.250	10.360	2.000	149.504
	%	34%	42%	16%	7%	1%	100%
2008	ton/dia	53.625	64.984	24.380	10.460	2.000	155.449
	%	34%	42%	16%	7%	1%	100%
2009	ton/dia	62.075	66.684	24.580	9.960	2.000	165.299
	%	38%	40%	15%	6%	1%	100%
2010	ton/dia	67.775	70.379	25.980	10.000	2.700	176.834
	%	38%	40%	15%	6%	2%	100%
2011	ton/dia	66.906	66.525	22.380	10.975	2.350	169.136
	%	40%	39%	13%	6%	1%	100%
2012	ton/dia	67.561	69.055	23.050	11.425	2.350	173.441
	%	39%	40%	13%	7%	1%	100%
2013	ton/dia	70.811	70.305	23.273	11.291	2.300	177.980
	%	40%	40%	13%	6%	1%	100%
2014	ton/dia	78.585	68.135	23.873	11.391	2.300	184.284
	%	43%	37%	13%	6%	1%	100%
2015	ton/dia	78.585	68.135	23.873	11.391	5.320	187.304
	%	42%	36%	13%	6%	3%	100%
2016	ton/dia	80.260	69.229	23.901	11.620	5.320	190.330
	%	42%	36%	13%	6%	3%	100%

Fonte: ABIOVE, elaboração própria.

Vê-se também que a região Sudeste perde relevância ao longo dos anos, indo de 16% em 2007, para 13% em 2016. Outro fato relevante a ser apontado diz respeito ao aumento de participação da região Norte, a partir de 2015.

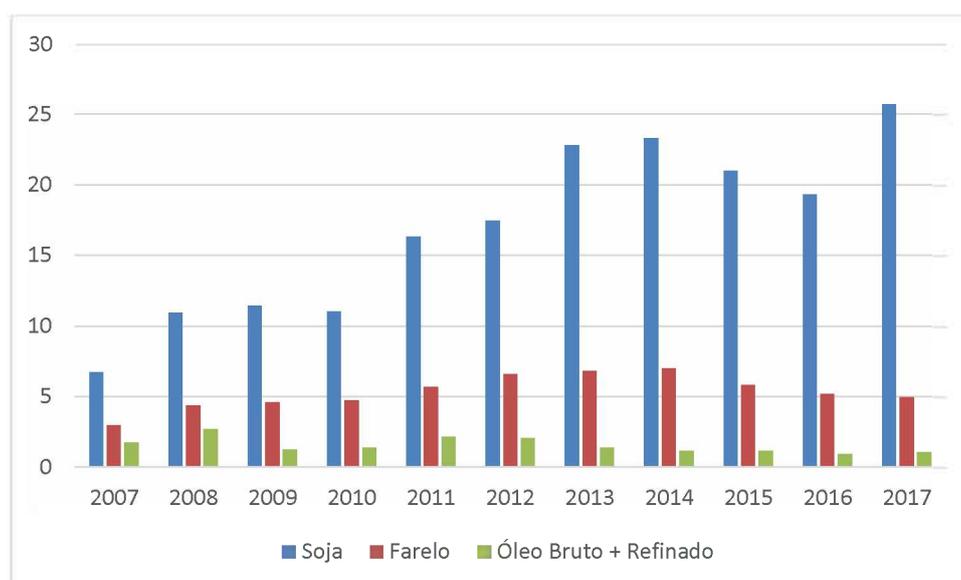
Outra questão importante a ser discutida diz respeito as exportações da soja e de seus derivados. O Gráfico III apresenta a discriminação das exportações desses produtos em tonelada, enquanto que o gráfico IV apresenta os valores monetários

Gráfico III - Exportações dos Componentes da Soja (1000 toneladas) – 2007-2017



Fonte: LICEWEB/MDIC, elaboração própria.

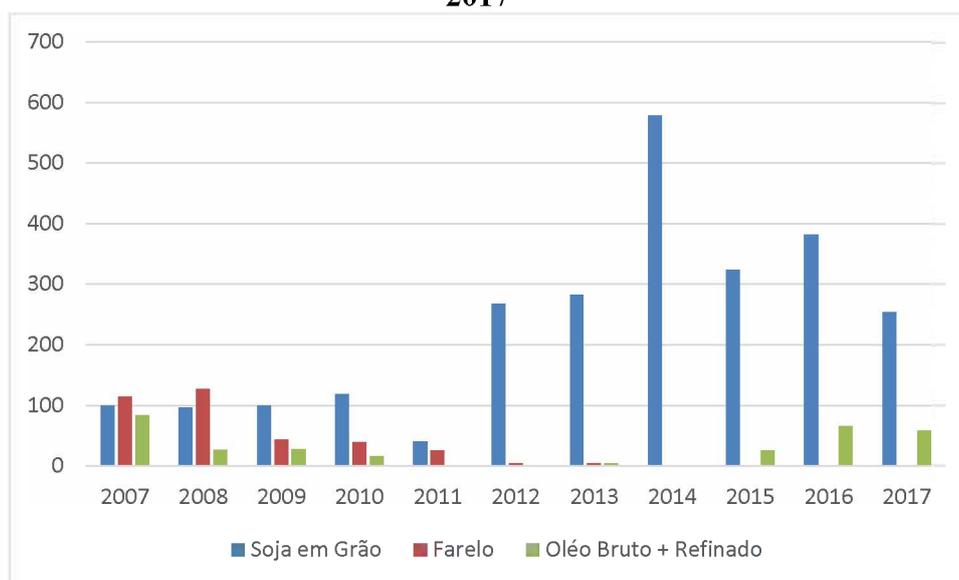
Gráfico IV - Exportações dos Componentes da Soja (BI US\$) 2007- 2017



Fonte: LICEWEB/MDIC, elaboração própria.

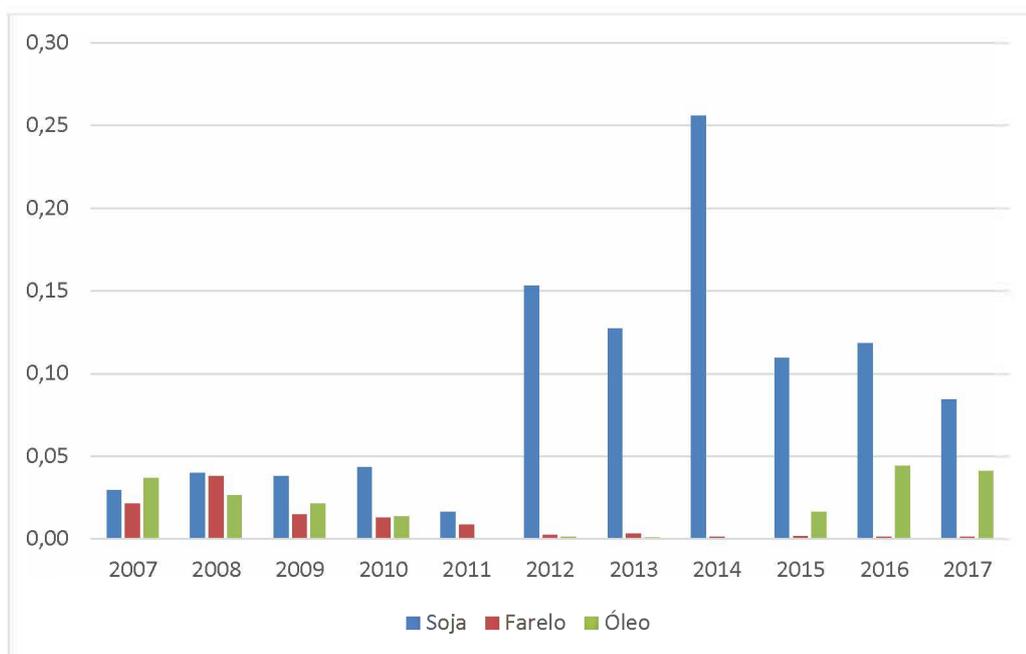
Conforme os gráficos III e IV acima, as exportações se dão em sua maioria por parte do grão de soja, enquanto que o farelo não corresponde nem à metade de seu valor em seu ano mais auspicioso. Já o óleo bruto e refinado tem uma representação ínfima na pauta exportadora. Os Gráficos V e VI a seguir representam as participações da importação de componentes de soja.

Gráfico V - Importações dos Componentes da Soja (1000 toneladas) – 2007-2017



Fonte: Abiove; elaboração própria.

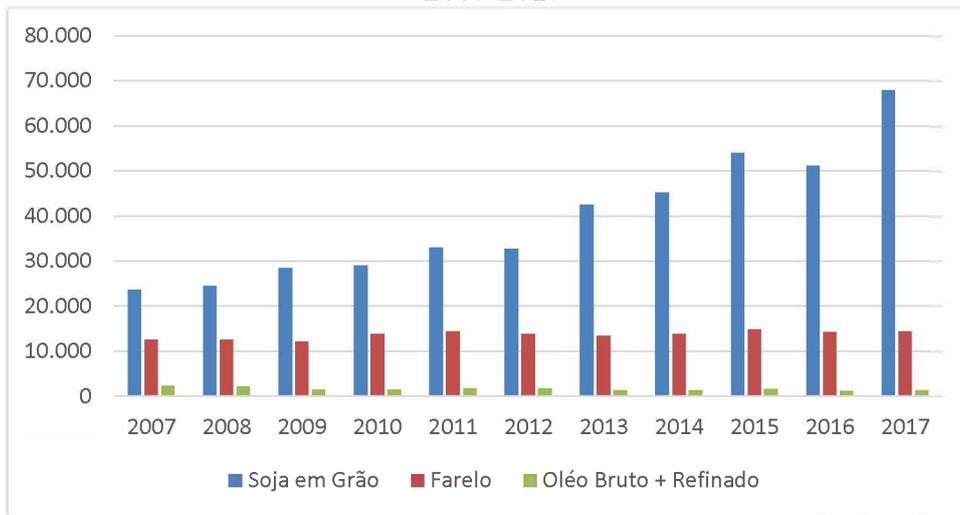
Gráfico VI - Importações dos Componentes da Soja (BI US\$) 2007- 2017



Fonte: Abiove; elaboração própria.

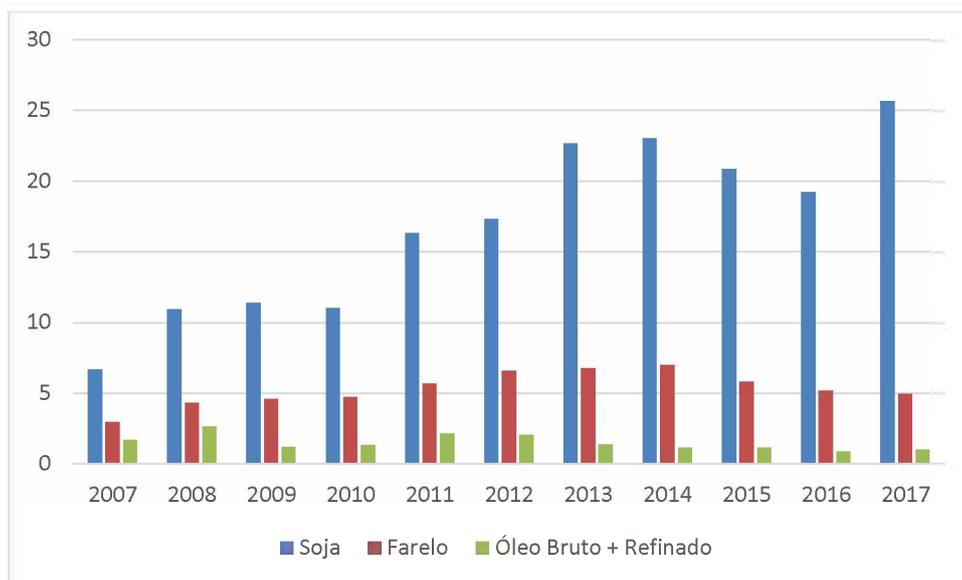
No caso das importações, vê-se que sua grande maioria é, assim como as exportações, referente ao grão de soja, ainda que em uma quantidade muito menor em relação às exportações; e que desde o ano de 2015 começa a ser verificado um leve aumento da participação do óleo de soja, o que não era verificado desde 2010. O farelo, por outro lado, não se mostra significativo na participação das importações desde 2011. Por fim, os Gráfico VII e VIII mostram o saldo comercial obtido no período em termos de tonelada e da BI US\$.

**Gráfico VII - Saldo Comercial dos Componentes de Soja (1000 toneladas)
– 2007-2017**



Fonte: Abiove; elaboração própria.

Gráfico VIII – Saldo Comercial dos Componentes da Soja (BI US\$) 2007-2017



Fonte: Abiove; elaboração própria.

Como esperado, o saldo comercial brasileiro é positivo em todos os anos, com valores expressivamente positivos, enfatizando o resultado da soja em grãos, resultando em um superávit em torno de 25 bilhões de dólares nos anos recentes, esse valor demonstra a importância das atividades para a economia de maneira geral.

O fato de que a produção de óleos no Brasil atende, em sua extrema maioria, a uma demanda interna já havia sido discutido anteriormente. Mas a questão é que, para que a indústria brasileira, aumente sua relevância internacional sobre o mercado da soja, precisa aumentar a participação de seus produtos derivados, uma vez que eles correspondem a um maior valor agregado, enquanto que o comércio de grãos corresponde a mero escambo de *commodities*.

Certos esforços estão sendo feitos para que se mude essa realidade. O governo brasileiro encaminhou à China esse ano um pedido para uma cota de exportação de derivados de soja. A ideia seria pedir uma cota de 5 milhões de toneladas por ano de exportação de farelo e óleo de soja para o mercado chinês, que compra anualmente 60 milhões de toneladas de grãos por ano da indústria brasileira, e nada de derivados. A perspectiva é favorável, uma vez que a China instituiu uma taxa, como forma de retaliação às barreiras do governo Trump aos produtos chineses; faz parte do plano brasileiro ocupar essa lacuna deixada pelos produtos americanos (FOLHAPRESS, 2018).

Considerações finais

Falta fazer uma recuperação do modelo ECD, da estrutura do setor, e das condutas das empresas também.

O cenário brasileiro da indústria processadora de soja vem ganhando notoriedade e significância na economia nacional desde meados do século passado. De certa forma, esteve presente na realidade brasileira há muitas décadas, coexistindo com outras atividades de cultivo de maior destaque; hoje, no entanto ela assume certo protagonismo no que tange ao setor exportador. O Brasil se coloca no mercado internacional como um dos principais representantes dessa cultura, e, portanto, como um potencial a ser explorado por parceiros comerciais. Corroborando com essa potencialidade, encontramos nas plantas instaladas no país uma grande capacidade de processamento.

No entanto, a maneira como a indústria está disposta no mercado global a coloca como uma mera exportadora de grãos, que se configuram como *commodities*, enquanto que produtos com maior valor agregado tem uma ínfima participação na pauta exportadora (como o caso do farelo de soja), ou simplesmente visam apenas o mercado interno (como o caso do óleo de soja e alimentos derivados).

Nesse contexto se faz necessário e requisitado a presença de auxílio do governo, de forma a firmar acordos com outras potências colocando a indústria numa posição mais favorável para comercializar produtos de maior valor agregado, aumentando sua relevância internacional. Nesse contexto de carência e determinação de seu papel no mercado global, a indústria processadora de soja acaba por nos fornecer uma legítima alegoria sobre o papel que o próprio país ocupa no cenário internacional, na briga por um lugar ao Sol do mercado das grandes potências industrializadas.

Referências

ABIOVE. Estatísticas. Disponível em <<http://www.abiove.org.br/site/index.php?page=estatistica&area=NC0yLTE=>>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

ADM (2017). Relatório Anual para os acionistas. Disponível em: <<https://www.marketwatch.com/investing/stock/adm/financials>>. Acessado em 1 de dezembro, 2018.

APROSOIA (2018). Sobre o uso da soja no Brasil. Disponível em: <<http://aprosojabrasil.com.br/2014/sobre-a-soja/uso-da-soja/>>. Acessado em 1 de dezembro, 2018.

AZEVEDO, P. F. Concorrência no agribusiness. In: _____. Economia e gestão dos negócios agroalimentares. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 61-79.

BAIN, J. Barriersto new competition. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1956

BUNGE (2017), Relatório Anual para os acionistas. Disponível em: <https://www.bunge.com/sites/default/files/attachments/bunge_reports_fourth_quarter_2017_results.pdf> .Acessado em 1 de dezembro, 2018.

CANTO, Wilson L. Sistema ponderal de conversões e determinação de margens de comercialização. Campinas: ITAL, 1986. 59p. (Estudos Econômicos de Alimentos Processados, 22

CARGILL (2017), Relatório Anual para os acionistas, Relatório Anual para os acionistas. Disponível em: <<https://www.cargill.com/2018/cargill-reports-fiscal-2018-fourth-quarter-and-full-year-results>> .Acessado em 1 de dezembro, 2018.

CASONATO, Lucas. O Modelo estrutura, conduta e desempenho e seus desdobramentos. In Economia Industrial: Fundamentos teóricos e práticas no Brasil, cap. 4; 2015. Disponível em: <https://foradeaula.wordpress.com/2015/03/10/capitulo-4-1-o-modelo-estrutura-conduta-e-desempenho-e-seus-desdobramentos/> . Acesso em 17 de outubro de 2018.

CERTO, S. et al. Administração estratégica: planejamento e implantação da estratégia. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2005.

DALL'AGNOL, A. D. A saga da soja no Brasil e no Mundo. Agrolink, publicado em 23 de novembro de 2017. Disponível em <https://www.agrolink.com.br/colunistas/coluna/a-saga-da-soja-no-brasil-e-no-mundo_400724.html>. Acesso em 25 de outubro de 2018.

DALL'AGNOL, A. D. et al. O complexo agroindustrial da soja brasileira. Londrina: EMBRAPA, 2007. Circular Técnica, 43.

EMBRAPA SOJA, Centro Nacional de Pesquisa Soja. A Soja no Brasil. Disponível em: www.cnpso.embrapa.br/producaosoja/SojanoBrasil.htm. Acesso em: 12 mai. 2015
EMBRAPA SOJA. Recomendações técnicas para a cultura de soja na região central do

Brasil 1999/2000. Londrina: 1999.226p. (Embrapa Soja. Documentos, 132.EmbrapaAgropecuaria Oeste, 5).

FARIAS, J. R. B.; NEPOMUCENO, A. L.; NEUMAIER, N. Ecofisiologia da soja. Londrina: Embrapa Soja, 2007. (Circular técnica, n. 48). Disponível em: <<http://www.cnpso.embrapa.br/download/cirtec/cirtec48.pdf>>. Acesso em: 3 de outubro de 2018.

FOLHAPRESS. O Brasil quer cota para exportar derivados de soja à China. In Correio do Estado. Campo Grande – MS, 25 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.correiodoestado.com.br/brasil-mundo/brasil-quer-cota-para-exportar-derivados-de-soja-a-china/332965/>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

FREITAS, Silene Maria de; BARBOSA, Marisa Z.; FRANCA, Terezinha J. F. Cadeia de produção de soja no Brasil: o caso do óleo. Informações econômicas, São Paulo, v. 30, n. 12, dezembro de 2000.

GIANLUPPI, V. et al. Cultivo de soja no cerrado de Roraima. Sistema de Produção, Boa Vista: Embrapa Roraima, 2009. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Soja/CultivodeSojanoCerradodeRoraima/clima.htm>>. Acesso em: 3 de agosto de 2018.

ISTO É (2018). Louis Dreyfus registra lucro de US\$ 317 milhões. Disponível em: <<https://istoe.com.br/louis-dreyfus-company-registra-lucro-liquido-de-us-317-milhoes-em-2017-393/>>. Acessado em 1 de dezembro, 2018.

KON, A. Economia industrial. São Paulo: Nobel, 1999. 186 p.

KUPFER, David. Padrões de concorrência e competitividade. Encontro Nacional da ANPEC, v. 20, p. 1, 1992.

KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil. 2 ed.. Rio de Janeiro, Elsevier, 2013.

LOPES, Alessandra Lomelino Campos. Cultivo e manejo da soja. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais / CETEC 30/10/2013

LOPEZ, J.; CARDIM, F. Uma Estratégia de Desenvolvimento na Tradição Keynesiana-Estruturalista. In: Sicsú, J.; Castelar, A. (orgs). Sociedade e Economia: Estratégias de Crescimento e desenvolvimento. Brasília: Ipea. Cap6. 2009.

MANDARINO, M. G.; ROESSING, A. C. Tecnologia para produção do óleo de soja: descrição das etapas, equipamentos, produtos e subprodutos. Londrina: EmbrapaSoja,2001 40p. --(Documentos / Embrapa Soja, ISSN 1516-781X; n.171).

OLIVEIRA, João O. A. A Agroindústria da soja: Um estudo da transformação agroindustrial da soja, numa empresa com capacidade de esmagamento de 50 toneladas por dia. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração de Empresas, opção MBA, da FGV/EAESP. São Paulo, 1995.

SANTOS, Claiton de Sousa. Processamento da soja: Um enfoque na qualidade de fabricação do óleo comestível. Artigo apresentado à Faculdade de Engenharia de

Produção como parte dos requisitos para obtenção do título de Engenheiro de Produção, Faculdade de Engenharia de Produção, Universidade de Rio Verde, 2015

SCHERER, F. & ROSS, D. Industrial market structure and economic performance. Boston, HoughtonMifflin, 1990.

SEDIYAMA, Aline F. Análise da estrutura, conduta e desempenho da indústria processadora de soja no Brasil no período de 2003 a 2010. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Lavras. Lavras: UFLA, 2011.

SOUSA; L.G. Economia industrial. Disponível em: www.eumed.net/libros/2005/lgs-ei/.2005. Acesso em 15 out. 2018.